
**ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: XICA DA SILVA NO REGISTRO DE
JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS**

Ester Estevão da Silva (PPGLE-UFMG/FAPESQ)¹
José Edilson de Amorim (PPGLE/UFMG)²

Resumo: O presente artigo descreve e problematiza a representação memorialista da figura histórica Francisca da Silva de Oliveira na obra *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, de Joaquim Felício dos Santos. A partir de uma revisão bibliográfica que abarca discussões sobre a veracidade histórica dos acontecimentos registrados na historiografia oficial e a formulação das representações na História, objetivamos compreender como a representação de Xica da Silva, ao advir de construções discursivas e sociais, reflete e propaga os significados existentes no imaginário sócio-histórico brasileiro sobre mulheres negras. Para tanto, fundamentamos esta pesquisa em teóricos como Bakhtin e Voloshinov (2006), Pesavento (1995; 2012), Achard [et al.] (1999), Furtado (2003), Car (1996), Chartier (1988), Hall (2016), Le Goff (1990), Ricoeur (1994; 2007), Thompson (1998), Halbwachs (1990), entre outros. Com esta investigação constatamos como a formulação de respectiva personagem afro-brasileira, verificada na obra, evidencia as correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais existentes em torno da raça negra, as quais, difundidas pelo discurso autoral, são tomadas como versão oficial dos acontecimentos e, conseqüentemente, como “verdades históricas”.

Palavras-chave: Representação. Memória. Xica da Silva.

**BETWEEN MEMORY AND HISTORY: XICA DA SILVA IN THE REGISTER OF
JOAQUIM FELÍCIO DOS SANTOS**

Abstract: The present article describes and problematizes the memorialist representation of the historical figure Francisca da Silva de Oliveira in the work *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, by Joaquim Felício dos Santos. Based on a literature review that includes discussions about the historical veracity of the events recorded in official historiography and the formulation of representations in history, we aim to understand how the representation of Xica da Silva, arising from discursive and social constructions, reflects and propagates the existing meanings in the Brazilian socio-historical imaginary about black women. To this end, we base this research on theorists such as Bakhtin and Voloshinov (2006), Pesavento (1995; 2012), Achard [et al.] (1999), Furtado (2003), Car (1996), Chartier (1988), Hall (2016), Le Goff (1990), Ricoeur (1994; 2007), Thompson (1998), Halbwachs (1990), among others. With this investigation we verified how the formulation of respective Afro-Brazilian character, verified in the work, evidences the currents of opinion, ideologies and social movements existing around the black race, which, disseminated by the authorial

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual da Paraíba. Bolsista da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ). Lattes: 6078008879085947. Orcid: 0000-0002-2720-7269. E-mail: esterestevaodasilva2@gmail.com

² Doutor em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Professor do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande. Lattes: 6524195105007515. Orcid: 0000-0003-1254-3398. Email: edilsondeamorim@gmail.com

discourse, are taken as the official version of events and, consequently, as "historical truths".

Keywords: Representation. Memory. Xica da Silva.

INTRODUÇÃO

A figura histórica de Chica da Silva, amplamente conhecida no imaginário sócio-histórico brasileiro, tem sido objeto de diversas representações na cultura popular, como filmes, novelas e literatura. Francisca da Silva de Oliveira, nascida entre 1731 e 1735, foi uma mulher negra escravizada que desafiou as expectativas de seu tempo e alcançou posições de poder na elite mineira do século XVIII. Contudo, sua representação cultural é frequentemente baseada em características como arrogância, manipulação, vingança e depravação, o que tem sido objeto de contestação por parte de historiadores.

Neste artigo, propomos analisar a formulação inicial da representação de Chica da Silva no imaginário sócio-histórico nacional, a partir da obra *Memórias do Distrito Diamantino*, que daria espaço, séculos depois, a uma representação amplamente sexualizada, manipuladora e vingativa que distorce e mitifica a realidade da figura histórica. Para isso, utilizaremos a perspectiva de Stuart Hall (2016) sobre linguagem, representação e poder, buscando compreender como o conhecimento desenvolvido por um discurso específico se conecta ao poder, regula comportamentos, cria ou constrói identidades e subjetividades, e determina a maneira como certos objetos são representados, concebidos, vivenciados e examinados.

Ao investigar a representação de Chica da Silva no imaginário sócio-histórico brasileiro, aspiramos contribuir para um maior entendimento sobre a complexidade dessa figura histórica e sua relevância como símbolo de resistência e ressignificação do lugar social de mulheres negras durante o período colonial brasileiro. Além disso, esperamos lançar luz sobre os mecanismos de poder e construção de identidades que permeiam as representações culturais e históricas, destacando a importância de abordagens críticas e contextualizadas para a análise dessas questões.

1. ENTRE FATOS E NARRATIVAS: UM PANORAMA BIBLIOGRÁFICO SOBRE AS "VERDADES HISTÓRICAS"

Apesar de ter sua imagem difundida nacionalmente por meio da cinematografia e da literatura, como em *Xica da Silva* (1976), de Carlos Diegues e no romance histórico *Xica da Silva*, de João Felício dos Santos, também publicado em 1976, pouco ficou conhecido sobre quem teria sido, de fato, a Chica da Silva³ de carne e osso que viveu no Tejuco durante o século XVIII, devido à mistura de construções históricas e narrativas ficcionais sobre sua vida. Dessa forma, é praticamente impossível hoje acessar informações sobre a Chica da Silva que não sejam baseadas em interpretações, reconstruções narrativas ou imaginações.

Ademais, ao contrário do que se pensa, a liberdade e ascensão de Chica da Silva não são apenas fruto de um caminho único. Historiadoras como Júnia Furtado (2003) mostram que, na verdade, havia outras mulheres forras na região diamantina do século XVIII com trajetórias semelhantes. A presença de pessoas negras livres e em ascensão no Brasil Colonial, embora notável, foi muitas vezes “relegada ao esquecimento”. Isso ocorre porque, quando os livros de história mencionam essas figuras, geralmente as tratam como exceções.

Nesse contexto, pode-se argumentar que o apagamento de outras personalidades negras na história oficial representa uma tentativa de limitar e estereotipar as várias formas de ser negro(a) na colônia portuguesa do século XVIII. Esse processo ocorre por meio da seleção dos eventos que serão registrados na historiografia nacional.

Ao analisar a manipulação dos “fatos históricos”, Carr (1996, p. 41) argumenta que nossa percepção do passado é sempre pré-selecionada e pré-determinada, configurando-se como uma construção influenciada por indivíduos engajados, conscientes ou inconscientemente, em uma determinada perspectiva. Nesse processo, os fatos que reforçam determinados pontos de vista são considerados mais relevantes e, portanto, preservados. O autor também ressalta que os fatos históricos, assim como todos os textos, nunca são apresentados em estado bruto, pois sempre passam pelo filtro cognitivo e interpretativo de quem os registra (Carr, 1996, p. 47)

Em seu livro *O que é história?* (1996), Carr argumenta que os fatos históricos não existem independentemente das interpretações e narrativas dos historiadores. Ele afirma que a

³ Utilizaremos Chica da Silva (com Ch) para mencionar a figura histórica vivente no século XVIII, e Xica da Silva (com X) para fazer menção à personagem histórica e ficcional.

seleção e organização dos fatos pelos historiadores são influenciadas por suas perspectivas, interesses e crenças. Carr sugere que a objetividade na história é um ideal inatingível, e que os historiadores devem buscar uma compreensão mais profunda e contextualizada dos eventos passados.

Seguindo essa linha de pensamento, Paul Ricoeur (1994; 2007) propõe que a História deve ser compreendida como uma interpretação e construção simbólica do passado, em vez de ser vista apenas como um registro de eventos objetivos. Para Ricoeur, a história é uma narrativa que atribui sentido e significado ao passado, permitindo que as pessoas entendam e interpretem suas experiências coletivas.

Com uma visão semelhante, John Thompson, em sua obra *A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia* (1998), aborda a dimensão simbólica da história. Ele defende que a história é composta não apenas por eventos e processos materiais, mas também por processos simbólicos que envolvem a criação, circulação e interpretação de significados. Esses processos simbólicos são essenciais para a compreensão da história, uma vez que moldam a forma como pessoas e instituições interagem e se relacionam entre si.

Nesse contexto, Le Goff (1990, p. 57) argumenta que é fundamental analisar cuidadosamente as condições de produção dos documentos históricos, sejam eles conscientes ou inconscientes. O autor entende que os documentos são criações humanas e, portanto, carregam valores, perspectivas e intenções de seus criadores. Dessa forma, os documentos não são apenas registros neutros de fatos, mas também expressões culturais e sociais de uma época. Isso implica que os historiadores devem abordar os documentos com uma postura crítica e interpretativa, levando em consideração o contexto e as condições de sua produção.

Ademais, Le Goff ressalta a importância de reconhecer e desconstruir o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes em fornecer testemunhos que guiam a história. Segundo o autor, nenhum documento é inocente e deve ser analisado criticamente, desestruturado e desmontado:

Quer se trate de documentos conscientes ou inconscientes (traços deixados pelos homens sem a mínima intenção de legar um testemunho à posteridade), as condições de produção do documento devem ser minuciosamente estudadas. As estruturas do poder de uma sociedade compreendem o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes ao deixarem, voluntariamente ou não, testemunhos suscetíveis de orientar a história num ou noutro sentido; o poder sobre a memória futura, o poder de perpetuação deve ser reconhecido e desmontado pelo historiador. Nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo o documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado. O historiador não deve ser apenas capaz de

discernir o que é “falso”, avaliar a credibilidade do documento, mas também saber desmistificá-lo. Os documentos só passam a ser fontes históricas depois de estarem sujeitos a tratamentos destinados a transformar a sua função de mentira em confissão de verdade. (Le Goff, 1990, p. 57)

Em conclusão, as ideias reunidas destacam a natureza subjetiva e interpretativa da história e dos documentos históricos. Os fatos históricos são moldados pelas perspectivas, interesses e crenças dos historiadores e indivíduos envolvidos na construção das narrativas. A história é uma construção simbólica que atribui sentido e significado ao passado, e os documentos históricos carregam os valores, perspectivas e intenções de seus criadores. Portanto, é fundamental abordar a história e os documentos com uma postura crítica e interpretativa, levando em consideração o contexto e as condições de sua produção. Além disso, é importante reconhecer e desconstruir o poder das categorias sociais e dos grupos dominantes na construção da história, analisando criticamente os documentos e suas implicações.

2. A XICA DA SILVA DE JOAQUIM FELÍCIO: ENTRE MEMÓRIA E REPRESENTAÇÃO

Mesmo na ausência de um corpo vivente, a lembrança de Chica da Silva permaneceu viva na memória e na oralidade de homens e mulheres no nordeste de Minas Gerais desde seu falecimento, em 1796. A partir de então, sua imagem seria presentificada ao ser apresentada e registrada, pela primeira vez, como personagem histórica brasileira, apenas no ano de 1868, nas páginas de *Memórias do Distrito Diamantino da Comarca de Serro Frio*, de Joaquim Felício dos Santos.

Tendo em vista que “o imaginário social se expressa por símbolos, ritos, crenças, discursos e representações alegóricas figurativas” (Pesavento, 1995, p. 24), se a imagem-lembrança de Chica da Silva residia na mente dos diamantinenses e se os fatos tidos como de sua vida passeavam pelas conversas populares através do campo volátil da oralidade, a sua imagem passaria a se solidificar com maior intensidade no imaginário social a partir da linguagem escrita de Joaquim Felício dos Santos, configurando-a como “o lugar de expressão das expectativas e aspirações populares latentes” (Baczko, 1985, p.303).

A obra, elaborada a partir de relatos de antigos moradores locais e dos escassos documentos a que o autor, na posição de advogado, conseguiu ter acesso ao representar

interesses de descendentes de Xica da Silva, traçou a história da mineração de diamantes ocorrida no século XVIII, e dedicou um capítulo para mencionar a existência dessa ex-escravizada que ascendeu socialmente em pleno período colonial.

Frente a isso, dado que as representações são determinadas pelos movimentos sociais, políticos e culturais que surgem na sociedade, o relato fundador de Joaquim Felício dos Santos cria uma representação de Chica da Silva marcada pelo período histórico em que essa imagem foi concebida. Dessa forma, Joaquim Felício, em seu papel como historiador, atua como o principal intérprete da opinião coletiva, representando a atitude dominante de algumas sociedades históricas perante seu passado e sua história (Le Goff, 1990, p. 45).

Para tanto, faz-se necessário compreender que, neste contexto, as palavras e expressões recebem seu sentido na formação discursiva em que são produzidas (Pechêux, 2009, p. 147), e que não há discurso neutro ou inocente, pois ele é produzido a partir de um lugar social e perspectiva ideológica, veiculando valores e visões de mundo (Florêncio, 2009, p. 27–28).

Partindo do conceito de que a representação consiste em “uma exposição, uma reapresentação de algo ou alguém que se coloca no lugar de um outro, distante no tempo e/ou no espaço” (Pesavento, 2012, p. 30), percebe-se, a partir da obra de Joaquim Felício dos Santos, a exibição de uma imagem repleta de valores atribuídos a Chica da Silva que se colocou no lugar da mulher de carne e osso do século XVIII que habitou no arraial do Tejuco e que se encontrava espacial e temporalmente distante do momento de escrita do autor.

Isto posto, se podemos pensar na representação histórica, e em um determinado aspecto na própria noção de imaginário relacionado a personagens históricas, como a imagem gerada a partir do que se deduz sobre o passado por meio do presente, talvez possamos considerar também que mesmo as representações memorialísticas de Chica da Silva são um acesso ao passado por meio do presente dos criadores. Dessa forma, haveria nessa representação aspectos da forma como o presente/contemporâneo olha para o passado representado e o imagina.

Na posição de homem branco do século XIX, Joaquim Felício dos Santos reconstrói a imagem de uma Chica da Silva, vivente nas Minas Gerais no século XVIII, conforme os desígnios de sua época, onde imperavam os preconceitos contra ex-escravizados, mulheres de cor e uniões consensuais. Frente a isso, torna-se relevante reforçar o conceito levantado por Stuart Hall (2016, p. 26), de que são as formações discursivas que definem o que é ou não

adequado em um enunciado sobre um determinado tema, área de atividade social, e nas práticas associadas a tal área ou tema; determinam que tipo de conhecimento é considerado útil, relevante e “verdadeiro” em seu contexto; e definem, também, que gênero de indivíduos ou “sujeitos” personificam determinadas características.

Desse modo, cercado pelo imaginário preconceituoso de seu contexto histórico e regido por valores europeus e cristãos, Joaquim Felício faz projeções de suas impressões no século anterior. De acordo com Pesavento (2012, p. 31), isto se dá pelo fato de que “aquele que tem o poder simbólico de dizer e fazer crer sobre o mundo tem o controle da vida social e expressa a supremacia conquistada em uma relação histórica de forças”.

Para a historiadora Júnia Furtado (2003), é assim que nasce o mito de uma Xica da Silva cheia de atributos negativos, lascivos e selvagens, ou seja, com características criadas a partir da não ordenação/compreensão da existência de uma Chica da Silva no século XVIII, ao menos por parte da sociedade brasileira do século XIX. Portanto, a imagem construída de Xica da Silva na obra em questão, não é mais “a imagem legível na transparência, porque um discurso a atravessa e a constitui” (Achard, 1999, p. 55).

Diante disso, como “membro da elite branca preconceituosa do século XIX” (FURTADO, 2003, p. 266), o autor adota uma visão racista ao construir uma representação negativa da aparência de Xica da Silva, fundamentada pelo padrão de beleza europeia e suas próprias opiniões estéticas. Ele descreve de maneira desqualificadora, enfatizando traços considerados “grosseiros” e a distanciando do ideal de beleza e civilização, como no trecho a seguir:

(...) tinha as feições grosseiras, alta, corpulenta, trazia a cabeça rapada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes, como então se usava; não possuía graças, não possuía beleza, não possuía, não tinha educação, enfim não possuía atrativo algum, que pudesse causar uma forte paixão. (Santos, 1868, p. 161)

Ao destacar a estatura "alta" e "corpulenta" de Xica, Joaquim Felício afastou do padrão branco e europeu, o qual, na época, representava o ideal de beleza. Essa construção não apenas desqualifica sua aparência, mas também a associa à falta de atributos intelectuais e sociais, reforçando um discurso racista que vê os traços físicos da mulher negra como sinônimos de fealdade e inferioridade.

Além disso, mesmo ao adotar os trajes das mulheres brancas da elite local, como ter “a cabeça raspada e coberta com uma cabeleira anelada em cachos pendentes, como então se

usava”, Xica não é vista como bela. O autor reforça essa visão ao afirmar que ela “não possuía graças” e “não possuía beleza”, reforçando o estereótipo da mulher negra sem atrativos.

Trechos como “não possuía espírito, não tinha educação” ampliam as características desqualificadoras atribuídas a Xica, destacando o desprezo do autor pela personagem. Esses fragmentos, escolhidos estrategicamente, demonstram a repulsa que o autor pretende imprimir em sua representação de Xica. Dessa forma, sua obra reforça o exotismo da figura negra e repete “estereótipos condicionados à semântica do preconceito” (Duarte, 2011, p. 3).

Ao concluir o trecho, Joaquim Felício retoma as qualificações negativas atribuídas a Xica, afirmando que ela “não possuía atrativo algum, que pudesse causar uma forte paixão”. Além de reforçar o discurso desqualificador, o autor sugere que Xica despertou uma forte paixão no contratador de diamantes, algo que, segundo ele, não poderia ser justificado pelos inexistentes atrativos físicos e intelectuais da ex-escravizada. Como afirma Júnia Furtado em entrevista a Marco Antônio Corteleti, “a publicação [de Memórias do Distrito Diamantino] faz de Chica a única negra a figurar em um registro histórico, e o autor encontra no sexo e na perversidade os pretextos para que uma escrava mereça tal destaque”⁴.

Ao mencionar o poderio de João Fernandes, o autor relata que:

[...] Só uma mulher partilhava seu poderio; era a sua amante Francisca da Silva, vulgarmente conhecida por Xica da Silva. Foi celebre esta mulher, única pessoa ante quem curvava-se o orgulhoso contratador; sua vontade era cegamente obedecida, seus mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos. Dominadora do Tijuco, com a influência e poder do amante, fazia alarde de um luxo e grandeza, que deslumbravam as famílias mais ricas e importantes; quando, por exemplo, ia às igrejas, — e então era aí que se alardeavam grandezas — coberta de brilhantes e com uma magnificência real, acompanhavam — as doze mulatas esplendidamente trajadas: o lugar mais distinto do templo era lhe reservado. (Santos, 1868, p. 144)

Neste fragmento, é possível observar como o autor descreve a imagem da personagem como alguém que “fazia alarde de um luxo e grandeza” devido à “influência e poder do amante”. Ao mencionar que os desejos de Xica eram “cegamente obedecidos” e seus “mais leves ou frívolos caprichos prontamente satisfeitos”, o historiador atribui a Xica da Silva uma representação de arrogância e manipulação.

Outra representação possível de ser observada, na obra de Joaquim Felício dos Santos, é a atribuição de um perfil vingativo da ex-escrava, que, sendo os escritos, se utilizava do

⁴Reportagem disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/1207/pesquisa-contestamento-de-chica-da-silva-1>.

poder de João Fernandes para obrigar “a elite local a se curvar à escrava opressora e dominadora, que se vestia ricamente e tinha tudo que o dinheiro e o poder podiam comprar” (FURTADO, 2003, p. 268). Para ter acesso aos favores do contratador, os visitantes, grandes e nobres, teriam que, antes de tudo, venerar e agradar a “Dominadora do Tejuco”.

Quem pretendia um favor do contratador, a ela primeiramente devia dirigir-se na certeza de ser atendido, se conseguia grangear-lhe a proteção. Os grandes, os nobres, que vinham a Tijuco, os infatuados de sua fidalguia, não dedignavam-se de render-lhe homenagem, curvavam-se a beijar a mão a amante de um vassalo do rei. Tal é o poder do dinheiro! (Santos, 1868, p. 144)

Além disso, Joaquim Felício ressalta que a grandeza e o respeito conquistados por Xica se deu apenas pelo dinheiro de João Fernandes e pela ascensão social que ela adquiriu ao se unir em concubinato com ele. A afirmação final, “Tal é o poderio do dinheiro”, elucida a ideia de que, se não fosse pelo poder financeiro adquirido por Xica através de sua união com o contratador, ninguém, muito menos os grandes e nobres, dirigir-se-iam a ela de tal forma. Tal afirmação retrata, também, os ideais racistas e misóginos a que mulheres negras estavam sujeitas no período colonial, segundo os quais uma figura negra feminina só poderia obter respeito e ocupar importantes posições na sociedade mediante o dinheiro e o poder de um homem branco.

Dada a ausência de dados precedentes sobre a vida da ex-escravizada, este discurso histórico marca a gênese das representações sobre Chica da Silva e exerce a função de discurso oficial. Desse modo, apesar de apresentar informações distintas da realidade sobre esta mulher histórica, como levantado posteriormente pelos estudos da historiadora Júnia Furtado (2003), a obra *Memórias do distrito diamantino* ocupa o papel de relato original, servindo como texto fundador para quase tudo o que se escreverá posteriormente sobre respectiva figura histórica. Portanto, com a publicação desta obra, “Chica da Silva passou a encarnar o estereótipo de mulher negra e escrava — e, apesar de negativa, assim nasceu sua lenda” (Furtado, 2003, p. 267).

2.1. O corpo negro feminino como símbolo: memória regulada e imaginário coletivo

De acordo com Stuart Hall (2016), a linguagem opera por meio de sistemas de representação que empregam elementos simbólicos para atribuir significado às nossas

expressões, transmitindo pensamentos, conceitos, ideias e emoções. Neste âmbito, Pesavento (2012) argumenta que as identidades são entendidas como representações sociais e construções simbólicas de sentido são baseadas na noção de pertencimento. A autora enfatiza que “as representações de identidade são sempre qualificadas com base em atributos, características e valores socializados em torno daqueles que compõem o parâmetro identitário e que se apresentam como diferencial em relação à alteridade” (Pesavento, 2012, p. 74).

Nesse sentido, Hall (2016, p. 21–22) propõe que o sentido (significado) está relacionado à maneira como a cultura é empregada para limitar ou preservar a identidade dos indivíduos *em um grupo* e também para destacar as diferenças *entre os grupos*. Isso nos permite desenvolver uma compreensão de nossa própria identidade e a quem nos identificamos.

Assim, Hall (2016) argumenta que a cultura desempenha um papel fundamental na construção e manutenção da identidade, tanto no nível individual quanto coletivo. Ao nos identificarmos com um grupo, adotamos seus valores e normas culturais, o que nos ajuda a compreender nosso lugar no mundo e a sensação de “pertencimento”. Nesse sentido, ele afirma que “os nossos significados culturais não estão apenas em nossa mente — eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam o comportamento e, conseqüentemente, geram efeitos reais e práticos” (Hall, 2016, p. 20).

No sistema de representação, objetos, sujeitos e eventos estão relacionados a um conjunto de conceitos ou representações mentais que possuímos. O significado atribuído a esses elementos depende do sistema de conceitos e imagens formados em nossos pensamentos, que representam ou se colocam como o mundo.

Ao serem traduzidos para as representações ficcionais, os corpos-signos carregam consigo significados que vão além das diegeses. Significados associados a esses signos historicamente que, dependendo do contexto de recepção e uso ou conhecimento desses significados, se mesclarão aos significados atribuídos a estes signos nas obras. É neste sentido que as representações literárias de Xica da Silva no texto de 1868 evocam outros lugares de significação dos corpos de mulheres negras, além dos pressupostos por Joaquim Felício presentes na obra.

Como mencionado anteriormente, “o corpo é construído, moldado e remoldado pela interseção de uma variedade de práticas discursivas disciplinares” (Hall, 2012, p. 121). Com isso, é possível pensar sobre um *já dito* que circunda os corpos-signos. Os *já ditos* que

constroem e inscrevem, historicamente, os corpos negros, dotando-os de significados e valores específicos, não foram atribuídos pelos próprios negros, mas sim pelos outros principais indivíduos da história da colonização, os brancos.

Por meio dos estudos de Silva (2013), é possível compreender que a construção de reproduções estereotipadas de personagens negros é justificada pela forma como a posição ocupada pelo negro na trama social migra para o interior de textos que procuram fazer registros históricos, uma vez que, tais documentos se completam pelo vínculo a conjunturas políticas, sociológicas, econômicas, e, é baseado nessas alianças em que o negro é representado histórica e literariamente.

Esse histórico processo de significação dos corpos negros sob uma ordenação de “olhares” e “valores” impostos pelos indivíduos da supremacia social é o que, em uma cadeia de tradução do real e da realidade, faz com que grupos historicamente marginalizados não tenham tido e continuem não tendo controle sobre sua própria representação (Shohat; Stam, 2006).

É dessa forma que a obra investigada, além de realizar a abordagem histórica da exploração de diamantes, apresenta uma representação feminina originada de um discurso social masculino ideológico e de ascendência branca. Ao representar inicialmente uma figura histórica negra, em *Memórias*, a linguagem desempenha um papel crucial na definição e manutenção da visão de mundo “masculina” prevalente na maioria das sociedades ocidentais modernas (Rocha-Coutinho, 1994, p. 55).

Neste contexto, o grupo dominante impõe sua visão de mundo, estabelecendo classificações, divisões, valores e normas que guiam o gosto e a percepção, além de definir limites e autorizar comportamentos e papéis sociais (Pesavento, 2012, p. 31). É por meio dessa perspectiva que a memória histórica de Joaquim Felício dos Santos, imbuída desse poder simbólico, insere Chica da Silva na história.

Dessa forma, observa-se que a presença da estereotipificação da personagem afro-brasileira, verificada na obra, evidencia as correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais existentes em torno da raça negra, e difundidas pelo discurso autoral. Desse modo, somente compreendendo que um estereótipo nunca é neutro, visto que ele é forjado e está sempre refletindo situações de conflito social, é possível compreender a função que os estereótipos assumem na dinâmica social.

Nesse sentido, a representação identitária depreciativa de uma figura histórica negra

feminina, que se destaca por contrariar o estereótipo colonialista, evidencia não apenas a visão preconceituosa do autor, mas também influencia a perpetuação de um imaginário coletivo desqualificador sobre mulheres negras brasileiras.

Ao analisar os elementos da História Cultural, Pesavento (2012, p. 32–33) entende o imaginário como um sistema de ideias e imagens de representação coletiva, construído pelos seres humanos ao longo do tempo para dar sentido ao mundo. Esse sistema engloba crenças, mitos, ideologias, conceitos e valores, sendo responsável por construir identidades e exclusões, hierarquizar e apontar semelhanças e diferenças no âmbito social.

Ademais, Hall (2016, p. 16) destaca que, ao impor um discurso, a legitimação ocorre a partir da justificativa de maior esclarecimento, competência e eficácia social de quem fala. Considerando que, “o branco é, foi e continua sendo a manifestação do Espírito, da Ideia, da Razão” (Souza, 2019, p. 14), o poder de falar sobre o outro é atribuído à supremacia branca. Assim, a escrita da História e da Literatura e a regência da sociedade foram espaços reservados aos homens brancos, que possuíam grande influência sobre as formas de enunciação (Bakhtin; Voloshinov, 2006, p. 46). Dessa forma, as representações elaboradas por esse grupo foram consideradas verdadeiras e, conseqüentemente, “reais”.

Com base nessa ideia, a obra de Joaquim Felício dos Santos, *Memórias do Distrito Diamantino*, apresenta um tom pejorativo ao descrever Xica da Silva, evidenciando a influência de discursos sociais. Essa representação faz parte de um imaginário que reflete e molda avaliações sociais presentes em manifestações orais e escritas de um período específico da história do Brasil e durante a produção da obra.

Achard (1999, p. 51) afirma que, no processo de transformação de um evento histórico em uma memória, a imagem transmitida é um operador de memória social, podendo afetar a integridade dos fatos. Nesse sentido, o “discurso da verdade”, como o produzido e divulgado socialmente sobre Chica da Silva, é resultado de relações de poder, já que cada sociedade possui seu regime de verdade e tipos de discurso aceitos como verdadeiros (Foucault, 1979, p. 12).

Segundo Chartier (1998, p. 17), as representações do mundo social são sempre determinadas pelos interesses do grupo que as cria. Há uma associação entre os discursos proferidos e a posição daqueles que os utilizam. Considerando o conteúdo da crônica de Joaquim Felício dos Santos e sua posição de autoridade como político, jurista e romancista, seu livro de *Memórias* se tornou notório e indispensável para quem deseja conhecer a história

de Diamantina.

Thompson (1998) explora a relação entre a dimensão simbólica da história e a estrutura das relações de poder na sociedade. Para o autor, as instituições mediadoras e formas de comunicação impactam significativamente a distribuição e o exercício do poder, moldando a produção, disseminação e interpretação de informações e significados.

Para além dessas perspectivas, Hall (2016, p. 41–42) reitera que o sentido não está no objeto, na pessoa ou na coisa, e muito menos na palavra. Segundo o autor, somos nós quem fixamos o sentido tão firmemente que, depois de um tempo, ele parece natural e inevitável. Dessa forma, o sentido é construído pelo sistema de representação.

Embora a representação dos traços deixados pelo passado e se apresente como a verdade do ocorrido, Pesavento (2012, p. 39) destaca que “ainda há um público, ouvinte e leitor da narrativa historiográfica, a quem se busca convencer, seduzir, provar”. Ou seja, a construção da história não é um processo neutro, mas envolve estratégias discursivas que visam persuadir o público de que determinada versão dos fatos é legítima. Isso ocorre porque, como argumenta o teórico da recepção Hans Robert Jauss, “a produção da narrativa histórica e sua acessibilidade como relato verossímil ocorre como uma resposta às expectativas do leitor” (*apud* Pesavento, 2012, p. 42). Dessa forma, a história não apenas registra acontecimentos, mas os interpreta e os enquadrados dentro de narrativas que dialogam com as expectativas e interesses do presente.

Nesse sentido, a mitificação da figura histórica de Xica da Silva não se dá apenas na sua representação inicial, mas também na cristalização dessa memória como uma verdade histórica aceita e reiterada ao longo do tempo. Como sugere Althusser, “o sentido não se instaura por puro efeito do 'desvio' imprevisto e esporádico de uma trajetória, mas pela duração desse 'desvio' (sua 'recorrência'), que permite que algum sentido 'pegue', mesmo que provisório” (Althusser *apud* Fontana, 2017, p. 184). Assim, o que inicialmente poderia ser uma construção simbólica ou uma interpretação específica da trajetória de Xica da Silva se consolidar na memória coletiva por meio de sua reprodução e recursos sociais.

A memória coletiva desempenha um papel central na construção e perpetuação das representações históricas. Halbwachs (1990, p. 36) argumenta que a memória individual não está isolada, pois “um homem, para evocar seu próprio passado, tem frequentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade”. Dessa forma, as lembranças individuais

só adquirem sentido dentro de um quadro social mais amplo, no qual certos discursos e imagens são reforçados e transmitidos coletivamente.

Essa interdependência entre memória individual e coletiva explica como determinadas representações históricas se consolidam e permanecem no imaginário social. Segundo Halbwachs (1990, p. 57-58), "a memória de uma sociedade estende-se até onde pode, quer dizer, até onde atinge a memória dos grupos dos quais ela é. [...] Uma vez que a memória de uma sociedade se esgota lentamente, ela não cessa de se transformar, e o grupo, ele próprio, muda sem cessar". Isso significa que, mesmo que determinados eventos ou figuras sejam reinterpretados ao longo do tempo, sua permanência dentro de uma parte do corpo social garante que essas memórias possam ser continuamente resgatadas e reconstruídas.

No caso de Xica da Silva, sua imagem foi reelaborada em diferentes contextos históricos, ora enfatizando aspectos de sua trajetória que dialogavam com valores dominantes, ora reforçando estereótipos que respondiam a determinadas expectativas sociais. Esse fenômeno torna-se ainda mais evidente ao considerarmos o papel da materialização das lembranças na formação da memória oficial. Como explica Soethe (2009, p. 161), as lembranças individuais, ao serem compartilhadas, assumem uma forma concreta — seja pela fala, pela escrita, por imagens ou por monumentos — e, quanto maior sua visibilidade e facilidades (ou imposição) social, mais elas passam a integrar a memória coletiva de uma sociedade.

Dessa forma, a mitificação de Xica da Silva não se sustenta apenas nas narrativas construídas sobre sua trajetória, mas também nos mecanismos que garantem sua perpetuação e naturalização ao longo do tempo. A memória coletiva não apenas seleciona e preserva certos elementos do passado, mas também os ressignifica conforme os interesses e valores vigentes. Nesse processo, a figura de Xica da Silva foi moldada por sucessivas reinterpretações que garantiram sua permanência no imaginário social, consolidando-a como um ícone cuja identidade continua a ser disputada e reconstruída.

Assim, sua história exemplifica como as narrativas sobre o passado não são registros neutros de fatos, mas construções permeadas por expectativas sociais, interesses ideológicos e pela própria dinâmica da memória coletiva. A consolidação de sua imagem histórica evidencia que determinadas representações se tornam dominantes não necessariamente por serem mais verossímeis, mas porque encontram ressonância dentro dos quadros sociais que sustentam e validam certas memórias em detrimento de outras.

Portanto, são os discursos em circulação, estruturados pela linguagem e delineados pelo contexto sociopolítico, que, ao serem retomados, repetidos e regularizados, constroem uma memória coletiva considerada “oficial”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, este artigo analisou a representação histórica de Xica da Silva na obra de Joaquim Felício dos Santos, destacando sua construção com base em valores culturais e sociais específicos. A análise demonstrou que a personagem não pode ser categorizada como uma representação real ou não real, mas sim entendida como uma construção que carrega aspectos simbólicos e significados ocultos, conforme proposto por Pesavento (2012).

Além disso, foi evidenciada a presença de estereotipificação da personagem afro-brasileira, refletindo correntes de opinião, ideologias e movimentos sociais relacionados à raça negra. Com base nas ideias de Hall (2016), este estudo enfatizou a importância do sentido e da representação na construção de identidades e na regulação de práticas sociais, bem como na criação de significados culturais através de “objetos culturais”.

Dessa forma, o estudo de Xica da Silva contribui para uma reflexão mais aprofundada sobre o papel das representações na construção de identidades e no enfrentamento de estereótipos e preconceitos presentes na literatura e na sociedade brasileira. A pesquisa destaca a importância de compreender a dinâmica das representações e seu impacto na percepção e no tratamento de grupos historicamente marginalizados, promovendo uma leitura mais crítica e inclusiva.

Referências

ACHARD, Pierre [et. al.]. **Papel da Memória**. Tradução e edição José Horta Nunes. Campinas, SP: Pontes, 1999.

BACZKO, Boronislav - “Imaginação Social”. In: **Enciclopédia Einaudi Anthropos - Homem**, Lisboa: Casa da Moeda - Imprensa Nacional, 1985, v.5.

BAKHTIN, Mikhail; VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12. ed. Coleção: Linguagem e Cultura. Vol. 3. Editora Hucitec, 2006.

CARR, Edward Hallet. **Que é história?** Conferências George Macaulay Trevelyan proferidas por E. H. Carr na Universidade de Cambridge, janeiro-março de 1961; tradução de Lúcia Maurício e Alverga, revisão técnica de Maria Yedda Linhares, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 3ª

ed. 1982, 7ª reimpressão, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural** – entre práticas e representações, Lisboa: DIFEL, 1988.

CORTELETI, Marco Antônio. **Pesquisa contesta mito de Chica da Silva**. Universidade Federal de Minas Gerais. Disponível em: <https://ufmg.br/comunicacao/publicacoes/boletim/edicao/1207/pesquisa-contesta-mito-de-chica-da-silva-1>.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Portal Literafro**. 2011, [p.1–17], p. 3. Disponível em: www.letras.ufmg.br/literafro

FLORÊNCIO [et al.] **Análise do discurso: fundamentos & práticas**. — Maceió: EDUFAL, 2009.

FONTANA, Mônica G. Z. O acontecimento do discurso na contingência da história. In: **Análise de discurso e materialismos: historicidade e conceito**. Vol. 1. BARBOSA FILHO, Flávio Ramos; BALDINI, Lauro José Siqueira (Orgs.) Campinas, SP: Pontes Editores, 2017.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979

FURTADO, Júnia Ferreira. **Chica da Silva e o contratador — o outro lado do mito**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Vértice; Editora Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Organização e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; Tradução: Daniel Miranda e William Oliveira. — Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução - Bernardo Leitão [et.al.] -- Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1990.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Puccinelli Orlandi et. al. - 4ª ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, Parte III, 2009

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário**. Revista Brasileira de História, São Paulo, v. 16, n. 29, p. 9-27, 1995.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. - 3. ed. - Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François [et.al.] - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tradução de César Constança Marcondes, e

Appenzeller Marina - Campinas: Papyrus, 1994.

ROCHA-COUTINHO, M.L. Tecendo por trás dos panos. **A mulher brasileira nas relações familiares**. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

SANTOS, João Felício dos. **Xica da Silva**. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.

SANTOS, Joaquim Felício dos. **Memórias do distrito diamantino da comarca do Serro Frio**, Província de Minas Gerais, Rio de Janeiro, RJ: Typographya Americana, rua dos Ourives, n.19, 1868.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. **Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação**. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 528 p.

SILVA, Amauri Rodrigues da. **Presença e silêncio da colônia à pós-modernidade: sina-is do personagem negro na literatura brasileira** — Brasília: Editora Kiron, 2013

SOETHE, Paulo Astor. **Literatura Comparada**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009

SOUZA, Neuza Santos. **TORNAR-SE NEGRO ou As Vicissitudes da Identidade do Negro Brasileiro em Ascensão Social**. 1.^a edição. LeBooks.com.br., 2019.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**; Tradução de Wagner de Oliveira Brandão; revisão da tradução Leonardo Avritzer. - Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.